

INTERNET, FEMINISMOS, ANTIFEMINISMOS E NOSSAS PESQUISAS

CRISTINA SCHEIBE WOLFF E ELAINE SCHMITT

Em 2018, as pessoas que, como nós, dedicaram sua carreira aos estudos de gênero, levaram um grande susto. A eleição de um presidente da República autodenominado de extrema direita, cuja plataforma incluía de maneira central o combate à chamada “ideologia de gênero”, juntamente com um processo que já vinha perseguindo professoras por todo o país, gerou um clima de temor nas universidades e centros de pesquisa de gênero, mulheres, feminismos e sexualidades. Percebemos, muito cedo, que além da censura ao ensino crítico e emancipatório, a “desinformação generificada”, cujo objetivo é fortalecer narrativas que se opõem às pautas feministas e de gênero para criar obstáculos ao pleno exercício de direitos fundamentais de meninas, mulheres e outras minorias, já se tornava uma realidade amarga.

Na época, pensamos em duas formas de ação: ou nos “esconder” ou nos “mostrar”. Quer dizer, ou adotar um certo silêncio no espaço público, continuando as pesquisas e ensino sem muito alarde, ou expor de uma maneira mais explícita todo o trabalho que temos feito no Laboratório de Estudos de Gênero e História, localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi assim que começamos a incrementar a presença do LEGH nas redes sociais, especialmente Instagram e Facebook (@legh.ufsc), além da organização de eventos on-line, da criação do canal do YouTube (@GeneroeHistoria), entre outras ações.

Essa eleição também gerou uma grande pergunta sobre a importância das redes sociais e outras formas de comunicação on-line neste processo contemporâneo de ascensão de movimentos de direita e de um discurso antifeminista e anti-LGBTQIAPN+. Nesse sentido, fomos compreendendo que a violência de gênero e a desinformação generificada possuem conexões importantes, como um *continuum* (Valente, 2023), uma vez que são amplamente atualizadas por meio da dinamicidade que redes sociais on-line e tecnologias apresentam, reforçando as já antigas desigualdades que estruturam a sociedade brasileira, além de construir novas.

Logo em 2020 veio a pandemia causada pelo coronavírus, e toda a nossa vida de professoras e pesquisadoras se deslocou, por um bom tempo, para o espaço on-line. Como dizia uma música feita na época, fomos morar no computador. Foi essa sensação de que algo estava acontecendo, e que ameaçava os caminhos trilhados pelos estudos feministas, bem como os direitos tão duramente conquistados por mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, e a valorização do espaço da internet, que nos levou a pensar em um projeto de pesquisa sobre a internet e a disputa entre feminismos e antifeminismos, incluindo sites, redes sociais e mídias sociais. O projeto, aprovado no Edital Universal de 2020 da FAPESC foi intitulado “A internet como campo de disputas pela igualdade de gênero” e inaugurou um rol de leituras e estudos no laboratório, que passou a refletir sobre seu potencial de mobilização, formação de comunidades, circulação de ideias e informações, mas também de pro-

dução de violência política, desinformação, e discursos de ódio¹. Com isso, o racismo, a misoginia e outras manifestações de intolerância formaram um pano de fundo que nos permitiu desenvolver investigações interdisciplinares consistentes, ainda que atravessadas por diversas limitações.

Neste livro, muitas temáticas e personagens importantes do ponto de vista historiográfico não ganharam a profundidade e a notoriedade merecida. São lacunas e indagações que nos instigam a continuar com as investigações aqui iniciadas e que foram marcadas por um contexto de profunda polarização política, em que os ataques às instituições democráticas e de proliferação de ideias conservadoras se tornaram nossa delirante realidade, ao mesmo tempo que nossos objetos de estudo. Mas, ao mesmo tempo, aqui temos um início de um programa de pesquisas que certamente terá continuidade².

Para concretizar esse projeto procuramos pessoas que pudessem nos ajudar a pensar as formas de pesquisa nesse ambiente virtual, e conseguimos uma conexão com a Profª. Mirella Moura Moro, do Departamento de Ciências da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais. Desde o seu início, e mesmo durante a formulação do próprio projeto, Mirella tem nos acompanhado e nos ajudado a promover este importante diálogo entre as “exatas” e as “humanas”, o que se pode ver em vários capítulos deste livro.

Outras pesquisadoras e pesquisadores se juntaram a nós nessa pesquisa, trazendo consigo estudantes de pós-graduação e graduação, como a Cláudia Maia, da Universidade de Montes Claros, a Cintia Lima Crescêncio, da Universidade Federal do ABC, a Janine Gomes da Silva e a Joana Maria Pedro, ambas da Universidade Federal de Santa Catarina. Elaine Schmitt, que esteve junto desde o começo como estudante de doutorado e depois voluntária, ganhou, a partir de 2023, uma bolsa de pós-doutorado júnior da FAPESC vinculada ao projeto, se tornando, de fato, uma co-coordenadora. Estudantes de pós-graduação e graduação da UFSC, UFMG, UDESC, UFRGS, UFMS, UFABC e UNIMONTES também participaram, como se pode ver nos capítulos a seguir. Tivemos também, em várias ocasiões, debates que envolveram as professoras Alejandra Oberti e Claudia Bacci, da Universidade de Buenos Aires.

Destacamos, ainda, a parceria com o Portal Catarinas, um veículo de jornalismo feminista e antirracista localizado em Florianópolis que atua, desde 2016, na produção de conteúdo, curadoria de informação e observação dos debates públicos sobre gênero e feminismos. A importante articulação entre pesquisa científica e produção jornalística, preocupada com uma divulgação científica abrangente e de qualidade, se somou à possibilidade de elaboração conjunta de alguns resultados, como dos vídeos ligados ao projeto e que poderão ser consultados no site produzido para concentrar os materiais³.

As reflexões deste livro, portanto, são parte do resultado desse projeto, que usou diferentes metodologias de pesquisa. Usamos a chamada “netnografia” (KOZINETS, 2014), uma série de

1 Este projeto, bem como a publicação deste livro, é resultado do projeto “A internet como campo de disputas pela igualdade de gênero, apoiado pelo Edital de Chamada Pública Fapesc No 12/2020”. Programa de Pesquisa Universal, Termo de Outorga No: 2021TR000566.

2 Já temos um projeto aprovado com o título Internet segura com perspectiva de gênero, também aprovado na Fapesc no Edital de Chamada Pública Fapesc/CNPq n.º 38/2022 Programa De Apoio à Pesquisa Aplicada para Fixação de Jovens Doutores em Santa Catarina, Termo de Outorga No: 2023TR000285, que propiciou bolsa de Pós-doutorado para Elaine Schmitt, e alguns recursos de custeio, e também o projeto de bolsa de produtividade do CNPq, intitulado Emoções e memórias em disputa: Feminismos e antifeminismos no Cone Sul (2010–2020), sob o n. 312656/2021-1.

3 Esses materiais estão disponíveis em <https://legh.cfh.ufsc.br/projeto-internet/>

metodologias quantitativas propiciadas pela coleta automatizada e pela coleta manual de dados na internet, e também metodologias qualitativas que permitissem interpretar múltiplos fatores, como de interseccionalidades e de contextos eleitorais específicos, que estão contidos em muitos dos dados coletados. Tomamos cuidado para acessar somente publicações on-line e com *status* público, utilizando, quando necessário, perfis criados especificamente para a pesquisa.

Para a organização, foram formadas pequenas equipes, a partir da afinidade às temáticas, mas que deveriam ter em comum a exploração de mídias e redes sociais on-line. Dessa forma, neste livro, temos capítulos que tratam de canais no YouTube, podcasts, perfis de Instagram, Facebook, Twitter (atual X) e sites diversos, sendo que vários deles mesclam várias destas redes. Ao dividir os capítulos em três grandes classificações, nossa intenção foi analisar dezenas de casos que, em seu conjunto, pudessem nos oferecer uma visão do embate entre as ideias e organizações democráticas e feministas, e as ideias e organizações antidemocráticas e antifeministas no Brasil.

Na primeira seção, intitulada “Feminismos e ativismos on-line”, as pesquisas dizem respeito às mobilizações e articulações brasileiras, como da luta contra a descriminalização do aborto encabeçado por grupos feministas latino-americanos, envolvendo embates jurídicos e constitucionais; da formação de duas comunidades formadas por profissionais da fotografia e do fotojornalismo, preocupadas com os ataques à democracia e a construção da história; dos enfrentamentos travados contra a gordofobia e a sorofobia em ambientes digitais, violências que se misturam aos memes e intolerâncias de um lado, e geração de informação e iniquidades de outro; e, ainda, da criação de canais importantes para o acolhimento e estabelecimento de diálogos interseccionais como no caso de podcasts criados e administrados por mulheres negras.

Na sequência, a seção “Antifeminismos e Discursos de Ódio” é a que mais comporta pesquisas, trazendo discussões como da “ideologia de gênero” e da desinformação generificada produzida por grupos específicos; da violência política de gênero em Santa Catarina, além de ataques on-line direcionados à vereadora do Rio de Janeiro e defensora dos direitos humanos Marielle Franco, que foi brutalmente assassinada em 2018 e sofreu uma intensa deslegitimação de sua atuação política, atravessada por marcadores sociais; das notícias de feminicídios cometidos durante a pandemia da Covid-19, o que levou em conta comentários, percepções e a comoção nas redes on-line; do fenômeno do movimento masculinista e do comportamento *redpill* que visa a propagação de noções de inferioridade de mulheres; e da perseguição às sexualidades dissidentes orquestrada por organizações neopentecostais em ambiente digital.

Por último, a seção chamada “Ferramentas de Pesquisa”, reúne uma série de pesquisas que pretendem não somente compreender, mas também tornar mais didático o debate sobre como as mídias sociais on-line podem estar a serviço das humanas, que é o tema de um capítulo. Dessa forma, ferramentas computacionais colaboraram para a análise de um site sobre histórias em quadrinhos; para análise sobre a premiação de mulheres na literatura e na música a partir de dados de sites especializados; e, por fim, para um primeiro levantamento sobre a presença do LEGH na internet.

Para que esse projeto fosse possível, tivemos o apoio financeiro da Fapesc n.º 12/2020, através do Edital de Chamada Pública Universal e do Edital de Chamada Pública Fapesc/CNPq n.º 38/2022 – Programa de Apoio à Pesquisa Aplicada para Fixação de Jovens Doutores em Santa Catarina, do CNPq através projeto de bolsa de produtividade do CNPq, intitulado Emoções e memórias em disputa: feminismos e antifeminismos no Cone Sul (2010–2020), sob o n. 312656/2021-1,

e da Universidade Federal de Santa Catarina que abriga o Laboratório de Estudos de Gênero e História.

Se entre 1980 e 1990 as fotocopiadoras e as rádios comunitárias foram amplamente utilizadas por diferentes grupos feministas, servindo não só para comunicação, mas também para formação de identidades e conscientização, hoje, a internet se tornou, também, este lugar. Fazer referência às diversas violências encontradas neste espaço é central, porém sabemos que não é somente isso.

A internet é, potencialmente, lugar para produção de contrapúblicos interessados em construir comunidades e formular estratégias de impacto em outros públicos, algo como o que Patricia Hill Collins chamou de “espaços seguros” para as mulheres negras. Ela também vem sendo um espaço de novas possibilidades expressivas, seja para as mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, negras e indígenas que já perceberam que atuar nas entranhas desses espaços de articulação e agência, é tão fundamental quanto urgente.

Referências

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

KOZINETS, Robert V. *Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre, Penso, 2014. 203 páginas.

VALENTE, Mariana. *Misoginia na Internet: Uma Década de Disputas por Direitos*. Editora Fósforo, São Paulo: 2023.